

PLANTÃO PSICOLÓGICO NA ESCOLA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Maria Benedita Yane Machado¹
Luana Mara Pinheiro Almeida²
Helen Jôsy Queiroz de Sousa³
Erislene Rayanne Moreira Cruz⁴
Cândida Maria Farias Câmara⁵

RESUMO

Entende-se que a escola é um lugar de diferentes demandas psíquicas e o plantão psicológico mostra-se como uma prática preocupada nessa configuração, buscando romper com o preconceito que ainda existe em torno dessa prática e amparar todos os atores da escola, abrangendo também a comunidade em geral. Nessa perspectiva, o presente trabalho tem o objetivo de relatar uma experiência em plantão psicológico no âmbito escolar e, assim, difundir as reais necessidades da escuta nesse contexto. As ações do plantão psicológico aconteceram na Escola de Ensino Fundamental Padre Vicente Gonçalves Albuquerque, de educação pública e localizada na cidade de Quixadá, Ceará, nos meses de agosto e setembro de 2019. O público que a escola contempla é de crianças e adolescentes com idades entre 11 e 15 anos. Para construir uma discussão sobre a prática, colheram-se produções sobre o tema disponíveis on-line em plataformas como SciELO, PEPSIC e Google Acadêmico. Através da atenção e cuidado, usados como instrumentos de apoio na prática do plantão, diante das demandas e ao entrar em contato com as realidades, aos poucos foi possível contemplar a expansão e reconhecimento desse serviço na escola, bem como notar o benefício prestado para a dinâmica escolar como um todo. Dessa forma, conclui-se que a prática do plantão psicológico traz vantagens para a escola e a comunidade, tanto nas relações como no suporte ao sofrimento psíquico que se apresenta nesse local, por meio da possibilidade de uma escuta qualificada voltada aos processos pessoais demandados de maneira espontânea e emergencial.

Palavras-chave: Plantão Psicológico, Escuta, Escola, Relações Escolares, Contexto Social.

INTRODUÇÃO

A sociedade de hoje exige uma nova conduta da prática em psicologia para além do setting terapêutico. As diferentes demandas que o homem contemporâneo tem necessitado espontaneamente demandam também do profissional novas formas de inserção, um novo olhar e uma nova postura, precisando que o psicólogo também se comprometa com o contexto social em que o indivíduo está inserido (REBOUÇAS, 2010). Em vista disso, não se pode mais delimitar a clínica em um local e clientela específica, é necessário expandir esse olhar,

¹ Graduanda do Curso de Psicologia da Unicatólica de Quixadá - CE, mariabenedyta@hotmail.com;

² Graduanda do Curso de Psicologia da Unicatólica de Quixadá - CE, luana.mara_almeida@hotmail.com;

³ Graduanda do Curso de Psicologia da Unicatólica de Quixadá - CE, josyqueiroz0@gmail.com;

⁴ Graduanda do Curso de Psicologia da Unicatólica de Quixadá - CE, erislenerayanne@gmail.com;

⁵ Professor orientador: Mestre em Psicologia e Docente da Unicatólica de Quixadá - CE, candidacamara@unicatolicaquixada.edu.br.

não apenas do ambiente físico, pois isso exige do psicólogo a experiência de refletir constantemente sobre a prática clínica, permitindo uma posição ética diante dos vários contextos.

De acordo com Tassinari (1999) o plantão psicológico é um atendimento realizado em uma ou mais consultas, a depender da pessoa que procura. Tem objetivo de receber qualquer tipo de pessoa no momento de crise, para ouvi-la e ajudá-la a compreender melhor os seus sentimentos diante da situação vivenciada e, se for identificado pelo profissional uma demanda que exige um cuidado maior, é feito o encaminhamento a outros serviços. O plantão é uma prática que se completa em si e se baseia basicamente em uma procura espontânea do próprio cliente ao serviço que pode ser implantado em diversas instituições e locais com dias e horas definidos, de acordo com o ambiente.

A escola é um lugar de diferentes demandas psíquicas e o plantão psicológico nesse lugar mostra-se como uma prática preocupada nessa configuração e, principalmente, voltada ao respeito do que o aluno vive fora do ambiente escolar, visto que isso o afeta, seja no comportamento ou na aprendizagem. Assim, de acordo com a experiência do plantão psicológico na escola é possível enxergar o quanto essa prática é necessária para melhor compreender e intervir nos processos que constituem as diversas relações na escola.

Nessa perspectiva, o presente trabalho tem o objetivo de relatar uma experiência na prática de plantão psicológico no âmbito escolar e, assim, difundir as reais necessidades da escola nesse contexto. As ações do plantão psicológico aconteceram em uma escola pública da cidade de Quixadá, Ceará, nos meses de agosto e setembro de 2019. O público dessa escola é formado por crianças e adolescentes com idades entre 11 e 15 anos.

O plantão psicológico nos permitiu ter acesso ao íntimo de cada um que passou pela escuta, mas o melhor de tudo foi poder reencontrar com esses mesmos e escutar que estavam bem melhores. Aos poucos foi possível contemplar a expansão e reconhecimento desse serviço na escola, bem como notar o benefício prestado para dinâmica escolar e as relações entre os envolvidos nesse espaço. A escuta qualificada por meio do plantão psicológico mostra-se cada dia mais necessária também no contexto escolar, em vista de que precisamos levar em conta todos os contextos que a pessoa está inserida.

METODOLOGIA

Este trabalho é alusivo à nossa prática no Estágio Básico em Processos Educativos e de Promoção/Prevenção em Saúde, o qual compõe a grade curricular do curso de Psicologia

do Centro Universitário Católica de Quixadá. Consiste em um relato de experiência de tratamento qualitativo, exploratório e descritivo. Para construir uma discussão sobre a prática, colhemos produções sobre o tema disponíveis on-line em plataformas como SciELO (*Scientific Electronic Library Online*), PEPSIC (Periódicos Eletrônicos de Psicologia) e Google Acadêmico (*Google Scholar*).

É uma pesquisa referente ao plantão psicológico realizado no período de agosto a setembro de 2019 na Escola de Ensino Fundamental Padre Vicente Gonçalves Albuquerque, de educação pública e localizada na cidade de Quixadá, Ceará, em um contexto social de significativa vulnerabilidade. O público que a escola contempla é de crianças e adolescentes com idades entre 11 e 15 anos. O plantão psicológico aconteceu dois dias por semana em turnos alternados (manhã e tarde) com durabilidade de três horas por dia. A duração dos atendimentos era de uma hora, podendo variar de acordo com a necessidade do paciente.

Os atendimentos foram realizados na sala de vídeo da instituição, visto que é pouco utilizada, garantindo a privacidade durante a escuta e acolhimento do paciente, assim como também favorece para um melhor resguardo do sigilo mediante o exposto durante a escuta. Destacamos também que os atendimentos na escola ocorreram de maneira individual ou não. Em alguns casos o aluno só se sentia à vontade para falar na presença dos pais ou algum colega, principalmente no que se refere ao seu primeiro contato conosco.

DESENVOLVIMENTO

O plantão psicológico é definido como um espaço destinado à escuta e acolhimento de pessoas em situação de crise, com intuito de oportunizar a ressignificação daquilo que causa sofrimento, fazendo uso principalmente dos recursos pessoais de cada um, assim como os recursos ofertados pela instituição de apoio (MORATO, 1999).

Com base nisso, passamos a entender o plantão como uma modalidade onde há a junção da clínica psicológica com o próprio atendimento emergencial, ofertado à comunidade escolar em geral. O que significa a oferta de um atendimento realizado em um espaço diversificado e com tempo determinado, conseguindo assim atender diversas demandas em um curto período de tempo (CURY, 1999). E como esse espaço possibilita o acesso às experiências do paciente e até mesmo de seu plantonista, ocorre o favorecimento da construção de vínculos, já que o psicólogo deixa de ser somente o detentor de conhecimentos teóricos e passa a se permitir se envolver com o sofrimento do seu cliente, conseguindo assim, melhor compreendê-lo (OLIVEIRA, 2005).

A partir disso, Gomes (2012) vem dizer que o objetivo central do plantão é de fato o ato ou ação de acolher o sofrimento e angústia das pessoas no momento em que se apresentam. Fazendo dessa forma com que a escuta além de atender, também possa realizar encaminhamento para outros serviços se assim for necessário e com que o paciente tenha um acesso mais rápido ao atendimento psicológico adequado.

Schmidt (2004) salienta que o atendimento realizado pelo plantão psicológico não funciona da mesma forma que a triagem tradicional, uma vez que a triagem tem o objetivo de constatar ou se adequar à necessidade apresentada pelo paciente que procura o serviço. Por outro lado, o plantão busca uma solução para o sofrimento exposto, mesmo que em alguns momentos não seja possível dar essa resposta no primeiro atendimento.

Essas informações nos ajudam a refletir sobre a relevância do plantão no âmbito educacional, considerando a escassez de atendimentos ofertados pelo setor público e enfatizando também a falta de informações acerca do assunto, o que dificulta ainda mais o acesso dos estudantes ao atendimento psicológico (CAUTELLA, 1999). Sendo relevante a disponibilização das informações sobre esse assunto, já que se consegue a partir dele tratar ou cuidar do sofrimento humano, sem depender especificamente de um atendimento psicoterápico.

Independentemente de muitos pensadores compreenderem a escola como um ambiente que detém todo o conhecimento, assim tornando-a uma instituição indiscutível ao se tratar dos vários âmbitos que ela está inserida, essa ideia há muito tempo está sendo desconstruída. A escola pertence a uma ampla conjuntura diversificada e está presente em todas as culturas e modelos socioeconômicos. Dessa maneira, é importante e necessário compreender o lugar que a Psicologia Escolar/Educacional se coloca, ao possibilitar uma escuta qualificada aos que necessitam (BEZERRA, 2014).

É interessante focar que o plantão não é a solução para tudo, existem muitos limites, a maioria devido à grande desigualdade social e à defasagem dos serviços públicos (CURY, 1999). A Psicologia Escolar necessita estar inserida no cotidiano da escola para melhor compreender e intervir nos processos que constituem as relações na escola, formadas por diferentes protagonistas como alunos, professores, corpo técnico, direção, dentre outros, inseridos em uma dinâmica histórico-cultural própria, cujas escolhas e práticas serão decisivas para o sucesso ou fracasso escolar (SOUZA, 2004).

Segundo Neves (2009), a psicologia cada vez mais vai ganhando espaço de atuação, principalmente com multiprofissionais e diferentes contextos. Ao falar de Psicologia Escolar são perceptíveis os sinais de vasta expansão, saindo da zona de isolamento que por muito

tempo esteve escondida e solidificando a ideia de amadurecimento da atuação. Isso se dá porque o indivíduo deve ser observado sob todas as óticas em que ele está inserido. Não deixa de ser importante verificar a interferência do contexto escolar com todas as suas influências, por isso a relevância de considerar todas as queixas advindas desse âmbito (CORREIA; CAMPOS, 2004).

Nesse contexto, a Psicologia Escolar mostra-se com muita importância e necessita estar introduzida no cotidiano da escola para auxiliar na compreensão e intervenção dos indivíduos nas relações escolares, elaboradas por todos os intérpretes desse ambiente, não só especificamente os alunos, mas abrangendo professores, direção, corpo técnico e a comunidade (SOUSA, 2004).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O plantão psicológico na escola ainda é rodeado de preconceitos, principalmente no que diz respeito ao psicólogo. Conseguíamos ver isso expresso nos discursos dos alunos em momentos específicos, como no nosso primeiro dia na escola. Passávamos para avisar do serviço e alguns alunos usavam a frase “eu não sou doido, não preciso da psicóloga” ou quando estávamos nos corredores e os alunos apontavam uns para os outros e dizia “ele é doido, leva ele para sua sala” e buscávamos esclarecer essas indagações através do diálogo.

Conforme Bezerra (2014) aponta, é notável o real desconhecimento no ambiente escolar sobre os afazeres da psicologia. Faz-se necessário reconhecer os limites da psicologia e expandir os conhecimentos para as demandas escolares e assim deixar de ser visto como o profissional que cuida dos alunos problemáticos. Em vista disso propomos aos alunos uma roda de conversa com o assunto inicial sobre o Setembro Amarelo abordando os transtornos mentais que são mais presente naquele âmbito e aproveitamos para enaltecer o serviço do plantão disponível para eles.

A fundamentação do plantão está no cuidado, disponibilidade e acolhimento feito inicialmente em cada sessão, independentemente da demanda. Acolher a pessoa em sofrimento é um dos gestos mais gratificantes dessa prática, pois no decorrer da sessão podemos perceber que toda a agitação existente no começo aos poucos vai sumindo e deixando espaço para a serenidade, sendo algo que o profissional se depara e que não planejou, permitindo se sensibilizar pela singularidade de cada experiência daquele encontro (REBOUÇAS, 2010).

É importante ressaltar que ouvir dentro da prática, segundo Rosenthal (1999), pode parecer uma atitude apática, mas que não pode ser assim. Ouvir acarreta em acompanhar, ou

seja, estar atento a cada mínimo detalhe expresso na fala do paciente. Isso contribuirá para a proximidade do paciente, aumentando o nível de confiança no profissional. Além de facilitar a expressão, o que é um grande ganho para ambas as partes.

Em alguns momentos nos deparamos com situações nas quais éramos vistas como solução de todos os problemas da escola. Se um aluno chegasse a entrar na escola sem o fardamento, era motivo para sermos acionadas, porém, o plantão não tem aspecto de tutela ou de aquietação do sofrimento. De outro modo, baseia-se em uma prática que permite um espaço de questionamentos e ressignificações colaborando, assim, para novos sentidos diante do sofrimento (DANTAS, 2016).

Segundo Correia e Campos (2004), não podemos desconsiderar a influência do âmbito individual no espaço da escola, principalmente quando isso se apresenta prejudicial de alguma forma. Por isso, toda queixa apresentada deve ser analisada pelos alunos e não só eles, mas a todos que o plantão psicológico atende, tornando válido ou não os sentimentos envolvidos. Assim, tivemos acesso a muitos relatos de violência ao se tratar do ambiente familiar e social, visto que, o contexto da escola é de vulnerabilidade, e em vista disso a própria escola era reflexo desses problemas, tanto na estrutura física quanto nos discursos pessoais.

Certa feita, nos deparamos com a angústia de uma mãe que buscava por respostas para o sofrimento da filha que se automutilava. Diante das várias questões que as envolvia, como a perda de um dos filhos e o pai que não era presente, a garota sofria bullying na escola e demonstrava problemas com autoestima. Buscamos ajudar a mãe a compreender sobre a demanda da filha e propomos para a menina tentasse ressignificar seu sofrimento através da escrita, uma vez que ela nos relatou a paixão por canetas. Ao final fomos surpreendidas por elas ao nos agradecerem com um abraço bastante emotivo e agradecido pela escuta.

Portanto, precisamos estar à disposição para receber quem procura esse atendimento. De acordo com Rocha (2009), o plantão possui um sentido que vai além dessa organização estrutural, precisa-se ouvir e acompanhar com atenção e cuidado o relato apresentado e proporcionar diálogos em torno disso para uma melhor compreensão da demanda e favorecer a elevação do cuidado de forma significativa nesse lugar.

Diante de toda a análise, é possível compreender que a atenção e o cuidado estão disponíveis como instrumentos de apoio e que nenhum de nós deve ver nossos pacientes como algo objetificado, inferiorizado, independente da situação. Esse paciente é um ser capaz de lidar com todas as mudanças, se tratando de situação de crise ou não. Geralmente esses recursos são descobertos no espaço do plantão, durante o atendimento profissional (NUNES; MORATO, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O plantão psicológico é caracterizado como uma prática de grande importância e necessidade no meio escolar por expandir o olhar da psicologia e ofertar serviços de atenção psicológica que geram benefícios para além da escola, os quais alcançam a comunidade em geral. Apesar da relevância, é visível que esse tipo de intervenção não é amplamente oferecido nas escolas, o que muitas vezes torna difícil e frustrante os processos envolvidos nesse contexto, como o de ensino-aprendizagem e as relações entre alunos-alunos, alunos-professores ou alunos-funcionários. Logo, concluímos, por meio da experiência relatada, que o plantão psicológico traz vantagens para a escola e a comunidade tanto nas relações como no suporte ao sofrimento psíquico que se apresenta nesse local, por meio da possibilidade de uma escuta qualificada voltada aos processos pessoais demandados de maneira emergencial.

REFERÊNCIAS

- CAUTELLA, W. J. Plantão Psicológico em hospital psiquiátrico: Novas considerações e desenvolvimento. *In*: MAHFOUD, M. **Plantão Psicológico: Novos horizontes**. São Paulo: Editora CI, 1999.
- CORREIA, M; CAMPOS, H.R. Psicologia Escolar: histórias, tendências e possibilidades. *In*: YAMAMOTO, O. H.; CABRAL NETO, A. **O psicólogo e a escola: uma introdução ao estudo da psicologia escolar**. Natal: EDUFERN, 2004. p. 137-185.
- CURY, V. E. Plantão Psicológico em clínica-escola. *In*: MAHFOUD, M. **Plantão Psicológico: Novos horizontes**. São Paulo: Editora CI, 1999.
- DANTAS, J. B. et al. Plantão psicológico: ampliando possibilidades de escuta. **Revista de Psicologia**, v. 7, n. 1, p. 232-241, 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/5597>>. Acesso em: 05 set. 2019.
- BEZERRA, E. N. Plantão psicológico como modalidade de atendimento em Psicologia Escolar: limites e possibilidades. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 14, n. 1, p. 129-143, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812014000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 set. 2019.
- GOMES, F. M. D. Plantão psicológico: atendimentos em situações de crise. **Vínculo**, v. 9, n. 2, p. 18-26, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902012000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 set. 2019.
- MORATO, H. T. P. Aconselhamento psicológico: uma passagem para a transdisciplinaridade. *In*: _____. **Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. p. 61-89.

NEVES, M. M. B. J. A atuação dos psicólogos escolares no Distrito Federal. In: Marinho-Araujo, C. **Psicologia escolar: Novos cenários e contextos de pesquisa, formação e prática**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009. p. 55-73.

OLIVEIRA, R. G. **Uma experiência de plantão psicológico à Polícia Militar do Estado de São Paulo: reflexões sobre sofrimento e demanda**. 2005. Dissertação (mestrado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Universidade de São Paulo. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-25092006-150414/publico/dissertodrigooliveira.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2019.

REBOUÇAS, M. S. S.; DUTRA, E. Plantão psicológico: uma prática clínica da contemporaneidade. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v. 16, n. 1, p. 19-28, 2010. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v16n1/v16n1a04.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2019.

SCHMIDT, M. L. S. Plantão psicológico, universidade pública e política de saúde mental. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 21, n. 3, p. 173-192, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2004000300003&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 20 set. 2019.

TASSINARI, M. A. **Plantão psicológico centrado na pessoa no contexto escolar e a promoção da saúde**. Dissertação de Mestrado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999. Disponível em: <<https://apacporgbr.files.wordpress.com/2017/01/art2081.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2019.

NUNES, A. P.; MORATO, H.T.P. Plantão Psicológico no Departamento Jurídico do “XI de Agosto”: relato de plantonistas. In: BARRETO, C. L. B.T.; MORATO, H. T.; CALDAS, M. T. (Coords). **Prática Psicológica na perspectiva fenomenológica**, Curitiba: Juruá, 2013. p. 259-281.

DANTAS, J. B. et al. Plantão psicológico: ampliando possibilidades de escuta. **Revista de Psicologia**, v. 7, n. 1, p. 232-241, 2016. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/5597>>. Acesso em: 12 set. 2019.

CORREIA, M; CAMPOS, H.R. Psicologia Escolar: histórias, tendências e possibilidades. In: YAMAMOTO, O. H.; CABRAL NETO, A. **O psicólogo e a escola: uma introdução ao estudo da psicologia escolar**. Natal: EDUFRN, 2004. p. 137-185.

ROCHA, M. C. Plantão psicológico desafios e potencialidades. In: BRESCHIGLIARI, J. O.; ROCHA, M. C. **Serviço de aconselhamento psicológico: 40 anos de história**, São Paulo : CCP-PSA/IPUSP, 2009. p. 103-115.

ROSENTHAL, R. W. Plantão de Psicólogos no Instituto Sedes Sapientiae: Uma Proposta de atendimento aberto à comunidade. In: MAHFOUD, M. **Plantão Psicológico: Novos horizontes**. São Paulo: Editora CI, 1999.